

# EDUCAÇÃO e --- TECNOLOGIA



Revista do Instituto Politécnico da Guarda

**"EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA"**

Revista do Instituto Politécnico da Guarda

**DIRECTOR: João Bento Raimundo**

**REDACÇÃO: Rua Comandante Salvador do Nascimento**  
**Telef. 21634 6300 GUARDA**

**PROPRIEDADE: Instituto Politécnico da Guarda**

**EXECUÇÃO GRÁFICA: Secção de Reprografia do IPG**

**Depósito Legal N.º 17.891/87**

**Reprodução total ou parcial proibida**

**N.º 2 / Janeiro / 88**

## **IMPORTA SABER SER**

**Não é sem um certo orgulho que publicamos o segundo número da revista do Instituto Politécnico da Guarda.**

**Pretendemos abrir um espaço de comunicação — fizemo-lo;**

**Pretendemos a participação de alunos, professores, comunidade — tivemo-la;**

**Pretendemos que houvesse lugar à informação, à reflexão, à troca de experiências — conseguimos-lo.**

**A verdade é que a adesão foi entusiástica e a aceitação foi expressa em inúmeras palavras de estímulo que nos incentivam a continuar na procura de maior qualidade.**

**O segundo número de "Educação e Tecnologia" vai coincidir não só com a abertura do novo ano escolar da Escola Superior de Educação, o segundo, mas também com o início das actividades lectivas de mais uma escola — a Escola Superior de Tecnologia da Guarda.**

**Numa sociedade confrontada com rápidos e constantes progressos no domínio científico tecnológico e com a conseqüente evolução, ou seja, uma sociedade em constante mutação, requiere-se um homem novo capaz de protagonizar a mudança e, ao mesmo tempo, capaz de se manter fiel a si próprio nessa mesma sociedade.**

**Na formação dos técnicos e professores do I.P.G. tentamos que se desenvolva a capacidade de participar livre e plenamente em actividades comuns numa perspectiva de realização em comunidade. Tal só é possível com o alargamento do horizonte cultural e cada um interagindo, aprendendo com os outros e proporcionando aos outros condições de aprendizagem na condição de que, mais do que saber ou saber fazer, o que importa é saber ser.**

**"Educação e Tecnologia" pretende, afinal, afirmar-se como um dos muitos meios para o conseguir.**

**João Bento Raimundo**

**Presidente da C.I. do Instituto Politécnico da Guarda**

# O FACTO HISTÓRICO

Helder Sequeira — Professor

*El historiador y los hechos de la historia son mutuamente necessários*(1). A partir desta afirmação de Edward H. Carr, e tendo presente a noção de História e de Historiador, não nos será difícil apreender a importância do *facto histórico*, sentir a sua presença e o seu peso no campo da História.

Poderemos então perguntar: o que é um *facto*? Esta interrogação não é específica da História, nem tão pouco das Ciências Sociais. O *facto* mereceu igualmente atenção por parte das Ciências Naturais(2) numa tentativa de definição e compreensão, ainda mais cedo do que nas Ciências Humanas. Mas entre *facto* e *facto histórico* estabelecem-se contrastes estruturais, confrontam-se características, colocam-se perspectivas, originam-se processos de construção. “Um acontecimento qualquer do passado não é automaticamente um *facto histórico*”(3). Este, por sua vez, mereceu uma análise atenta, assim que se começou a desenhar uma consciência do problema (ainda que sob perspectiva sociológica) a Lévy-Bruhl.(4). Na sua óptica, os acontecimentos que se projectassem no campo social, eram objecto de interesse no plano da História. Desse modo, factos de carácter político, militar, físico, psicológico, tinham direito a inscrever-se como *factos históricos*.

Assim, por exemplo, a batalha de Aljubarrota (*facto militar*) pela sua ressonância política e social, podia considerar-se um *facto histórico*.

*Facto histórico*. Vejamos a definição de Pierre Salmon que explicitaremos mais à frente, e dentro da modéstia deste trabalho. Escreve aquele historiador: “*Que es un hecho histórico? Es un acontecimiento que realmente ha ocurrido, que el historiador ha considerado digno de ser recordado y que ha aislado artificialmente de la evolución y que luego ha reconstruido, simultáneamente a partir de los datos objetivos de las fuentes y a partir de su experiencia personal*”(5).

(1) — E. H. CARR — *QUE ES LA HISTORIA* — Ed. SELX BARRAL — 1973.

(2) — Veja-se ADAM SCHAFF — *HISTÓRIA E VERDADE* — E. Estampa, 1977, p. 198.

(3) — Op. cit., p. 199; Cf. ainda CARLES MORAZÉ — *Trois Essais sur Histoire et Cultura* — Cahier des Annales, cap. I pp. 11; J. MARAVAL — *Teoria del saber Histórico* — 2.ª ed. cap. I pp. 63-66.

(4) — JOAQUIM V. SERRÃO — *HISTÓRIA E CONHECIMENTO HISTÓRICO* — Ed. Verbo pp.

(5) — *História e Crítica* — Ed. Teide — 1972 — p. 37.

Estas palavras enquadram-se numa visão (poderemos dizer actual da História e, por conseguinte, do facto histórico. Épocas houve em que o historiador tinha uma posição de muita deferência pelo estado do facto; a sua tarefa era mostrar o que realmente aconteceu (segundo a fórmula *wie es eigentlich gewesen*) sem ter a preocupação de um trabalho mental relacionado com o facto em causa. “*En ce temps — là* escreve Lucien Febvre — *les historiens vivaient dans un respect puéril et dévotieux du “fait”. Ils avaient la conviction, naïve et touchante que le savant était un homme qui mettait l’oeil à son microscope, appréhendait aussi tôt une brassé de faits*”(6). Os defensores do positivismo, tiveram influência nesta posição de respeito pelos factos, na medida em que procuravam uma implantação de História com Ciência. Pretendiam ver os factos como “*des réalités substantielles, que le temps a enfoui plus ou moins profondément*”(7) e apresentavao historiador o trabalho de “*déterminer, de nettoyer, de présenter en belle lumière*”(7) esses pequenos cubos que patenteavam sempre a mesma forma, observável e idêntica para toda a gente(8).

Os factos seriam independentes o que justificaria duas regras de método no tratamento dos factos:

I — Cada facto seria considerado “*como uma coisa susceptível de ser determinada, por meio dum acto isolado de cognição ou processo de investigação; desta forma, o campo total de história cognoscível era fragmentado numa infinidade de factos diminutos, sendo cada um deles considerado separadamente.*

II — *Cada facto devia ser julgado não apenas independentemente do sujeito, de modo que os elementos subjectivos, (como eram chamados) existentes no ponto de vista do historiador tinham de ser eliminados. O historiador não devia emitir qualquer juízo sobre os factos; devia dizer apenas o que eram*”(9 a).

Surge deste modo o conceito de facto bruto, o qual não merecia nenhuma preocupação (como acabamos de ver) ao historiador, senão efectivar a sua arrumação, como originalmente aponta Lucien Febvre(10) no seu comentário. Presentemente, não podemos falar de factos brutos contrariamente ao que defendiam os partidários da História historizante dada a interdependência (assinalada no início) entre o historiador e facto histórico.

A História é inseparável do historiador, disse H. Marrou(10-1) logo os factos terão de ser trabalhados pelo historiador. É ele que arranca os factos ao silêncio do passado e gera a sua expressão, indispensável à edificação histórica, e não são eles os únicos protagonistas da constru-

---

(6) — LUCIEN FEBVRE — *COMBATS POUR L’HISTOIRE* — Armand Colin — Paris, 1965.

(7) — 2.ª ed. p. 22; Cf. C. MORAZÉ — *TROIS ESSAIS SUR HISTOIRE E CULTURE* — Armand Colin — (...) ces anciens adorateurs du fait p. 45.

(8) — LUCIEN FEBVRE — op. cit., pp. 115-116.

(9) — Observe-se a este respeito ADAM SCHAFF — *HISTÓRIA E VERDADE* — Editorial Estampa — 1977 — 2.ª ed. p. 196.

9 a — R. COLINGWOOD — *A IDEIA DE HISTÓRIA* — Ed. Presença, p. 170.

(10) — *Histoire e Critique*, p. 116.

10-1 — H. I. MARROU — *DO CONHECIMENTO HISTÓRICO* — Ed. Aster — Lisboa — 1976, 4.ª ed. pp. 45-5.

ção, os actores principais que ocupassem a cena no seu todo ou parcialmente, e deixassem ao historiador um obducto lugar no palco ou tarefa limitada à luminotecnia.

*“Los hechos solo hablan cuando el historiador apela a ellos: él es quien decide a qui hechos se da paso, y en que orden y contexto hacerlo”*<sup>(11)</sup>. Confirma E. Carr.

Deste modo é lógico uma teorização e outrossim uma relação historiador — facto Histórico.

Essa relação contestada a certos níveis científicos (ciências naturais) não é tão arbitrária como poderá parecer a certos espíritos afastados destes processos; o historiador obedece a um plano. Entrará numa observação histórica com a finalidade de tomar contacto com os *factos humanos do passado*. Isto irá fazer-se através de documentação (focamos a concepção hodierna de documentos) constituída seja por documentos conscientes ou inconscientes (involuntários ou voluntários na expressão de Marc Bloch) ligados a uma direcção traçada pelo investigador, face a um objectivo.

Para se estabelecerem os factos há necessidade de se *“trabalharem”* os documentos, que passam por diversas operações. Vejamos, ainda que pormenorizadamente, em que consiste esse trabalho.

Existem diversos tipos de documentos: documentos escritos (manuscritos ou impressos), documentos registados (fita magnética, cassetes, bobine) audiovisuais, tradição oral sem bases materiais, documentos figurados (como por exemplo documentos arqueológicos, numismáticos) vestígios materiais deixados pelo homem, e testemunhos directos (quando os historiadores ou autores de documentos assistem aos acontecimentos).

O historiador, vai seguidamente reunir os documentos necessários à época que tem em mente estudar, está na *heurística*. Conforme o tipo de documentos assim existem alguns modos e tipos de contacto. Neste labor, o historiador socorre-se das chamadas ciências *“auxiliares”* da História (Epigrafia, Geografia, Diplomática, Arqueologia, Heráldica, Sociologia, Numismática, etc) e passará de imediato, já noutra plano de trabalho, a usar o método crítico.

Usará então face aos documentos a crítica externa ou de Autenticidade (dividida em crítica de Proveniência e Restituição) e crítica Interna ou de Credibilidade (com as operações: crítica de interpretação, competência, exactidão, sinceridade e verificação de testemunhos).

Haverá uma teoria (chegados ao facto histórico) a qual irá continuar com uma parte de abstracção (ele excluirá todos os caracteres indiferentes à ligação do conjunto onde está implantado o facto histórico) adequada a um critério expresso pela globalidade, pelo quadro que seja objecto a conhecer. Não poderemos arvorar uma tentativa de ideal máximo, do domínio total do dado inerente ao facto, pois poderá dessa forma

---

(11) — E. H. CARR — *QUE ES LA HISTORIA* — Ed. Seix Barral — Barcelona — 1973.

atingir-se um excesso perturbador da observação do conjunto, como sublinham alguns autores. É certo que estamos perante um limite (ele chegará até ao ponto do espaço necessário à sua conexão) na realidade histórica, mas essa delimitação é igualmente observável em outros sectores de conhecimento, por vezes de formas bem nítidas.

Referenciamos atrás, a necessidade de teorização e selecção, esta fundamentada nas perguntas que o presente formula ao passado. “*A selecção dos factos é função do contexto histórico do historiador, da teoria que ele aplica*”<sup>(12)</sup>.

Sem teoria não poderemos discernir convenientemente os factos, e trazer até à compreensão esses elementos essenciais à História; não seria possível efectuar-se um consciente labor de recolha que os selecione e os vá situar na *paisagem*, no conjunto explicativo, caso contrário eles correrão o risco de ser olvidados e poderão até entrar em negação.

O historiador não dispensará essa interpretação crítica e sistemática dos factos, interpretação essa que não vai, sublinhe-se, criar os factos mas através da formulação anteriormente mencionada, proceder ao aproveitamento do seu significado, da sua presença.

Como escreve Lucien Febvre “(...) *Sans théorie préalable, sans théorie préconçue, pas de travail scientifique possible. Construction de l'esprit qui répond à notre besoin de comprendre, la théorie est l'expérience même de la science*”<sup>(13)</sup>.

Teoria do facto, propriamente dita, teoria de observação. Duas faces interligadas ao problema da História como Ciência.

Seleccionados e construídos os factos transitar-se-á para um estudo de análise e observação<sup>(14)</sup> dependente “*del vivir mismo del historiador*”<sup>(15)</sup>. Ele, historiador, vai observar e conhecer não apenas a partir da sua consciência, do seu próprio ser, mas igualmente consigo, com a sua vida na qual se processa a experiência do humano. O facto histórico, para alcançar o seu valor, o seu estatuto, de *facto* da História, passa por uma delimitação determinada pelo historiador, sujeita a uma teoria própria e por uma formulação interpretativa. Depois de ter fixado o objecto estabelece-se a sucessão dos factos, e vai situa-los no seu complexo estrutural, passando depois à interpretação. Aqui terá lugar um raciocínio construtivo, que por sua vez poderá ser empregue de forma negativa (argumento *a silentio*) ou positiva (construção por analogia ou conjectura).

Será posteriormente a vez da explicação dos factos, em que terá lugar a tentativa de explicitação, ou melhor a tentativa de determinação das suas causas e consequência, e neste plano deverá acentuar-se a importância da perspectiva histórica em que o historiador está colocado, de modo a poder perceber as consequências do acontecimento.

---

(12) — ADAM SCHAFF — *HISTÓRIA E VERDADE* — Ed. Estampa, p. 224; C.f. J. A. MARAVAL — *TEORIA DEL SABER HISTÓRICO*, 2.ª ed. Cap. II, parte III.

(13) — ARMAND COLIN — *COMBATS POUR L'HISTOIRE* — Paris — 1965, 2.ª ed. p. 117.

(14) — Veja-se J. A. MARAVAL — *TEORIA DEL SABER HISTÓRICO* — Cap. III.

(15) — op. cit., p. 96.

A distância temporal, não pode ser menosprezada, e um outro aspecto a relevar, diz respeito à cuidadosa observação (a nível de causa) de pretexto e causa.

A incompreensão dos seus valores gera ambiguidades e completas deturpações da realidade histórica, e por conseguinte do passado humano.

Há uma necessidade de demarcar as causas próximas e remotas e estabelecer o seu contributo no desenrolar dos acontecimentos, que em alguns casos parecem muito ligados com esta ou aquela personagem, que por sua vez dá a impressão de figurar como chave do problema, facto. Mas não deveremos esquecer que a sua exclusão do tempo próprio, das circunstâncias em movimento anularão essa personagem. É sugestiva a frase: "*Diz-se que os grandes homens fazem a História; deverá inversamente acrescentar-se que a História faz os grandes homens*"<sup>(16)</sup>. Uma outra operação virá de imediato: a exposição dos factos. Capítulo difícil, muitas vezes eivado de deformações e erros graves em História. A interpretação (neste aspecto como noutros) deve ser baseada numa lógica profundamente rigorosa, aliada à intuição e ao sentido das realidades<sup>(17)</sup>.

Através destas palavras reforça-se a ideia da não coexistência de *factos brutos*, expressa anteriormente<sup>(18)</sup>. Os factos com os quais o historiador lida (mesmo os factos integrados nas Ciências Naturais) reflectem a marca do sujeito<sup>(19)</sup>.

É de extrema importância o contexto em que se insere o acontecimento merecedor de atenção; "*são as suas relações com uma certa totalidade, assim como o sistema de referência em que está expresso*"<sup>(20)</sup> muito eficientes na sua compreensão. Apenas quando situado num conjunto próprio pode adquirir a sua verdadeira vitalidade, toda a força do seu significado singular.

Um facto não é uma coisa absoluta, e para o interpretarmos, teremos necessidade de o colocar na sua época; atrás de si dormitam elos de História e diversos nexos de *casualidade* (esta não propriamente no seu sentido de influência de causa sobre o efeito, como salientam diversos autores, mas configurados a uma ordenação e articulação) ele estabelece relações com outros factos e insere-se na perspectiva de uma explicação do passado "*como elemento integrante de uma estrutura ou de um meio particular, num momento do tempo e num lugar do espaço*"<sup>(21)</sup>.

Isto não lhe confere uma individualização tomada no sentido normal do termo, individualização essa que apenas assume significado no conjunto o qual por sua vez poderá, perante problemas e concepções, cren-

---

(16) — cit. em PIERRE SALMON — *HISTOIRE ET CRITIQUE* — p. 135.

(17) — Ver op. cit., p. 141.

(18) — Cf. p. 3; ver LUCIEN FEBVRE — *COMBATS POUR L'HISTOIRE* — Armand Colin — Paris — 1965, pp. 23 e 116 esp. Cf; ainda ADAM SCHAFF — *História e Verdade* p. 216.

(19) — op. cit., p. 219.

(20) — Cf. op. cit., p. 201.

(21) — PIERRE SALMON — *HISTOIRE ET CRITIQUE* — Bruxelles.

ças e ideologias do presente, ser deformado na sua estrutura, com a finalidade em que a objectividade não é traço fundamental.

“*Nunca um fenómeno histórico se explica plenamente — escreve Marc Bloch — fora do estudo do seu momento*”<sup>(22)</sup>. Falamos até aqui no aspecto digamos, para melhor explicitação, *interior*. Mas o conhecimento (por parte do historiador) do meio geográfico em que o facto se deu (a natureza do solo, o relevo característico, o clima, a hidrografia) oferece um valor a não esquecer no estudo do facto.

Será ele simples? Se prestarmos um pouco de atenção veremos surgir uma resposta adequada. Mesmo os factos mais simplificados exprimem algo de complicado e não poderemos oferecer-lhe uma classificação de *instantâneo*. Um assassinato, um duelo, um protesto diplomático, embora num primeiro plano assumam um aspecto de simplicidade têm escondidos mecanismos que impulsionaram a acção em determinado momento. Assim uma abordagem, um conflito armado, podiam ter sido motivados por rivalidades antigas entre dois grupos que em ocasião própria passaram aos actos; por uma política de expansão económica ou militar, tendo estas por sua vez um motivo, ainda que ele não surja no horizonte do facto.

Remontando à historiografia greco-romana, vemos já em Tucídides a tentativa de distinção entre dois níveis explicativos: as suas causas superficiais e as causas profundas.

Não é pois ele que é simples, elementar. É geralmente o observador, o historiador, que manifesta um interesse de simplificação de modo a facilitar a narração, a tornar mais curta a situação, abdicando de alguns pormenores<sup>(23)</sup>.

A sua simplificação é ilusória e esta ilusão apresenta como causa a simplicidade do enunciado. Um facto simples não é na verdade simples, poderá ser simplificada a verificação do facto, podendo ele ser a generalização *dos mil e um factos*.

Existem factos *básicos*, que são os mesmos para os historiadores, fruto em certa medida da análise efectuada e da importância eminente desses mesmos factos. Para alguns, haveria factos denominados de *massa* ou *colectivos* em que tomariam parte um vasto número de pessoas, e factos individuais cujo sujeito era o indivíduo. Uns predominariam em determinadas épocas da história, ao passo que o outro tipo de factos seria característico de períodos diferentes dos anteriores.

Posição esta caída na voragem do tempo e pouco susceptível de defesa. Na verdade, o facto unicamente realizado por uma figura não se pode considerar histórico, o quando muito dar-lhe-emos o lugar de pura abstracção. Parece mais adequada, ainda que com algumas reservas, a

---

(22) — INTRODUÇÃO À HISTÓRIA — Europa-América, Col. Saber 3.ª ed. p. 35.

(23) — Cf. ADAM SCHAFF — HISTÓRIA E VERDADE — p. 204.

C. L. BECKER — “What are Historical Facts?” — in the Western Political Quarterly, Vol. II, 3, sept. 1955, pp. 327-340.

ideia de factos *colectivos*, entendidos como encadeamento de factos, disposições de estruturas mais simples.

Como *individual* surge actualmente a posição de distinto relativamente a uma estrutura peculiar, estrutura histórica de conjunto se observe como singular, individual que está no conjunto. "*Lo individual es el conjunto; el hecho histórico no es un dato, es un encadeamento. La singularidad de la história es la singularidad del conjunto*"<sup>(24)</sup>

Não há motivo pois para se falar em factos simples. "*Todos os factos históricos são extremamente complexos*"<sup>(25)</sup>. E à medida que essa complexidade aumenta, a participação e intervenção do historiador torna-se mais nítida e actuante na elaboração e apreensão do facto. Aliás, esta intervenção do historiador prende-se ao problema (tão controverso) da objectividade e subjectividade em História. O historiador é quem faz a selecção, estabelece a teoria, narra o acontecimento depois dos processos relativos ao facto estarem estabelecidos, investiga e coordena, *chama os factos*, passa através da hermenêutica crítica e interpretação.

A História é inseparável do historiador. Afirmiação rodeada de argumentação válida, contestação, irónicas referências, posições de uma época. Será mesmo possível a imparcialidade? Não haverá um falseamento em favor de certos conceitos existentes no espírito do historiador? A sua razão não deformará as arestas do facto? Se atendermos ao que é o historiador, escrevendo historiador com H, iluminaremos uma resposta, a uma exposição mais circunstanciada, no tema: a objectividade e a subjectividade em História<sup>(26)</sup>.

Como complexo que é, o facto pode ser olhado de diversos planos, que na sua junção o tornam mais fecundo. Assim está a maneira como pode ser considerada e o que pode ser considerado um facto histórico (um acontecimento, um processo). Através do quê podemos nós dizer que é um facto histórico? O critério é apresentado com o significado *facto* no desenvolvimento das sociedades, a sua motivação no desenrolar do social. Passagem nestas breves referências, pela complexidade ou simplicidade dos factos não esquecendo a perspectiva ontológica do facto histórico: "*trata-se de um fragmento da "rerum gestarum" ou de uma asserção a seu respeito*"<sup>(27)</sup> ou ainda pela afirmação do estatuto gnoseológico do facto histórico<sup>(28)</sup>.

As concepções manifestadas pelos defensores do Idealismo e Materialismo vieram alertar para certos problemas, além, de, como é compreensível, dos prélíos férteis em tomadas de posição interligadas ao facto histórico. Trouxeram também contributos para uma clarificação e valo-

---

(24) — J. A. MARAVAL — *TEORIA DEL SABER HISTÓRICO* — Cap. II, p. 74.

(25) — ADAM SCHAFF — *HISTÓRIA E VERDADE* — Cap. Os factos históricos e a sua selecção.

(26) — Ver esp. PAUL RICOEUR — *HISTOIRE ET VÉRITÉ* — Paris 1955.

R. ARON — *INTRODUÇÃO À FILOSOFIA DA HISTÓRIA* — Ensaio sobre os limites da objectividade Histórica — Gallimard, Paris — 1967.

(27) — ADAM SCHAFF — *HISTÓRIA E VERDADE* — p. 219.

(28) — Será ele bruto, ou apenas resultado da intervenção de uma teoria que o historiador formulou?

rização do facto histórico. Relativamente a histórico, ocorre-nos neste momento a pergunta feita por H. Marrou: o que é histórico! *Falemos grego sim, o que é axiologon, o que é digno de memória, o que merece o esforço de elaboração(...)*(29).

Clara foi a caminhada do conceito de facto histórico desde a escola historizante até à escola dos Annales, fundada como sabemos por Marc Bloch e Lucien Febvre. O *facto* alcançou uma dimensão mais verdadeira. Dada a interligação actualmente existente entre facto histórico e historiador, este cresce em importância.

A sua personalidade, a riqueza da sua imaginação sua cultura, a sua capacidade de atenção, a sua energia, são condições essenciais da fecundidade do seu trabalho(30).

Compreender um facto "*significa reconstruí-lo como uma imagem ou ideia, como uma representação da inteligência da mesma maneira que compreender um fenómeno natural*"(31).

Facto histórico. O que é um facto histórico? Retomamos aqui a definição.

É um acontecimento complexo, único, individualizado numa globalidade, não repeticional, irreversível, situado num tempo e num espaço.

Não poderá assemelhar-se a um fenómeno que pode repetir-se dentro de uma certa continuidade, o que não acontece com o facto histórico: ele tem carácter único. Possui ainda (como já referimos) uma localização no tempo e no espaço por meio dos marcos tónico e crónico, quer dizer a duração e o espaço históricos.

O historiador, ainda que numa primeira observação lide com documentos, está a lidar com factos, para os quais esses documentos se tornam necessários e os quais depois de estudados e analisados, contribuem cada um com o seu valor particular, para a apresentação do facto histórico.

Trabalho árduo, sem dúvida, o qual exige uma preparação especial, um espírito de investigador, uma sensibilidade para a verdade e objectividade, para o contacto com o passado partindo do presente em que o historiador vive. Tendo em vista um labor consciente, perfeitamente integrado no campo da História, o historiador não se afasta dos factos sendo estes como a espinha dorsal da História. "*Sin sus hechos, el historiador carece de raíces y es huero; y los hechos, sin el historiador, muertos y falsos de sentido*"(32).

É, pois, fácil visível, apesar da superficialidade destas notas a importância do "*facto*" na História, como também a estrutura e complexidade do *Facto Histórico*.

---

(29) — MARROU, HENRI — *DO CONHECIMENTO HISTÓRICO* — Ed. Aster — Lisboa, 1976.

(30) — Cf. cit., PIERRE SALMON — *HISTOIRE ET CRITIQUE* — p. 116.

(31) — PIERRE SALMON — *HISTOIRE E CRITIQUE* — trad. esp. ed. TEIDE p. 38.

(32) — EDWARD H. CARR — *QUE ES LA HISTÓRIA* — Edit. Seix Barral — Barcelona, 1973. p.

## BIBLIOGRAFIA:

- BLOCH, MARC — *INTRODUÇÃO À HISTÓRIA* — Publicações Europa-América  
— Col Saber — 1976
- CARR, EDWARD — *QUE ES LA HISTORIA* — Editorial Seix Barral, S.A.  
— Barcelona, 1973
- COLINGWOOD, ROBERT — *A IDEIA DE HISTÓRIA* — Editorial Presença  
— Col Biblioteca de Textos Universitário e ainda a obra:  
*L'HISTOIRE ET SES METHODES* — Encyclopédie de la Pléiade  
(direcção de Charles Samaran)
- FEBVRE, LUCIEN — *COMBATS POUR L'HISTOIRE* — Armand Colin  
— Paris — 1965
- MARAVAL, JOSÉ A. — *TEORIA DEL SABER HISTÓRICO*  
— Revista de Occidente — Madrid
- MARROU, H.I. — *DO CONHECIMENTO HISTÓRICO* — Editorial Seix Barral, S.A.  
— Barcelona, 1973
- MORAZÉ, CHARLES — *TROIS ESSAIS SUR HISTOIRE E CULTURE*  
— Armand Colin, Paris
- SALMON, PIERRE — *HISTOIRE ET CRITIQUE* — Bruxelles  
— Université Libre de Bruxelles — 1976
- SCHAFF, ADAM — *HISTÓRIA E VERDADE* — Editorial Estampa — Lisboa, 1977
- SERRÃO, JOAQUIM VERÍSSIMO — *HISTÓRIA E CONHECIMENTO HISTÓRICO*  
— Editorial Verbo